

À espera do jogo

11 DEZ 1992

Walter Gomes

Não chegou, ainda, às ruas a sucessão do governador Joaquim Roriz. Nos bastidores, porém, o assunto é tema constante das conversas. Políticos e empresários, especialmente. Profissionais liberais, em reuniões de classe ou encontros sociais, discutem, também, o processo.

A mídia, impressa ou eletrônica, por enquanto, está contida. Situa-se ao largo do problema porque considera cedo para encará-lo de frente. Há alguma razão nesse posicionamento. A eleição só ocorrerá, em primeiro turno, dia 3 de outubro de 1994. Faltam portanto, quase dois anos.

Isso não impede, todavia, que se façam algumas ilações. Por exemplo, a abordagem dos nomes que se posicionam na corrida para chegar ao Palácio do Buriti. Há em profusão e para quase todas as preferências, desde o posicionamento partidário-ideológico até o perfil individual dos aspirantes.

Como nas disputas esportivas, a performance de cada um está sendo examinada. Só mais tarde é que será definida a equipe de largada, a seleção dos craques.

No momento, são realizadas as costuras dentro dos partidos que decidirão, em suas convenções, candidatos ou alianças. São poucas as legendas, na capital da República, aptas ao embate sucessório local. Três ou quatro, no máximo. Nada mais do que isso. É, assim mesmo, num contexto de composição.

Em verdade, só dois grupos têm reais condições de vitória. O liderado por Roriz e aquele que servir de denominador comum às forças antagonistas ao governador.

Veja-se a relação dos mais prováveis postulantes das siglas partidárias, além de breves comentários sobre eles.

Do PT:

- Cristóvam Buarque, ex-reitor da Universi-

dade de Brasília.

Os deputados Chico Vigilante e Maria Laura, nomes alternativos, definiram-se pela reeleição. Carlos Saraiva, que tentou em 1990, pretende, agora, cadeira no Legislativo. Geraldo Magela, distrital, deseja o governo, mas falta-lhe suficiente apoio partidário.

Do PTB:

- Valmir Campelo, senador.

Ligado ao esquema político rorizista, não conta, no entanto, com as simpatias dos principais assessores do governador. Está à vontade, porque seu mandato parlamentar só termina em janeiro de 1999.

• Osório Adriano, empresário e deputado. Tem boas relações com Joaquim Roriz, mas, dificilmente, será seu candidato ao Palácio do Buriti. Deverá juntar-se, todavia, às forças situacionistas para voltar à Câmara ou disputar uma das duas vagas no Senado.

Do PPS, antigo e charmoso partidão:

- Augusto Carvalho, bancário e deputado.

Só se exporá com a união de todas as forças de esquerda em torno de sua candidatura, o que, provavelmente, não acontecerá. Tem todas as chances de renovar seu mandato ou, junto com os petistas, ganhar cadeira senatorial.

Do PDT:

- Maurício Corrêa, senador e ministro da Justiça;
- Salviano Guimarães, presidente da Câmara Distrital.

O primeiro está mais próximo de ser indicado para o Supremo Tribunal Federal; o segundo, no máximo, transferir-se para o Congresso Nacional.

Do PTR, futuro PSTR:

Todos os detentores de mandato, local ou federal, ambicionam o lugar de Joaquim Roriz. Há, entretanto, um técnico de aptidões políticas que, se desejar, poderá buscar a herança: engenheiro José Roberto Arruda, o mestre-de-obras de Joaquim Roriz.